

# de um diário velho,

Fui ouvir a conferente, a muirer de quem todos os jornais agora falam. Sentei-me cá atrás, emure os rapazitos do liceu.

Esta mulher é ou não é inteligente? e conhecerá ou não os seus assuntos? Escreve e pensa, dá um ritmo ao seu pensamento, de um modo que me não parece novo! e ela é nova. A sua linguagem é cheia de ondeados, de ressonâncias... Não me parece boa nem fina analista, mas tem certo fôlego expansivo. Ontem à noite peguei no seu segundo livro, mas logo o deixei, sem paciência. Tão caudaloso! Não é assim que a vibração de um espírito hoje se nos impõe. Apreciamos mais a economia, a pureza, as determinações, as restrições.

Mas enquanto a ouvia estava livre de todas estas reservas e pensava: sim, a dispersão, uma certa sensibilidade, a grandiloquência, também... linguagem redundante e de pintura, pontos de vista banais, os problemas económicos, a isca...

E de repente achei que afinal a conferente era normal, estava com o seu tempo. Na minha solidão de mocho ainda o não tinha entendido. Falava a linguagem agradável ao português médio.

Mas que é que lhe falta, realmente? Que lhe falta ou que lhe sobeja? E' luxuoso e fácil o derramamento do seu

## Considerações ao acaso

(continuação da página anterior)

Longe ainda do instinto se traduzir por vontade e esta por consciência, muito longe dos alvares das ciências, o homem vivia em luta entre si e em pugna continuou, prolongando da prehistória a todos os tempos protohistóricos o delirar duma triste causa, ainda hoje mundialmente em litígio. Entrou no campo das ciências com um passado tão triste que pela sua ampliação parece interrogar os homens do saber e a póstera eternidade se tão estranho dinamismo obedecerá às leis fatalistas vindas dos tempos da Virago, através a época terciária, até ao século XX, a rir da natureza, do homem e da Ciência.

São mundos de verdades divergentes entrecrocando-se em todos os campos científicos e dogmáticos em explosões éticas, económicas, psicológicas, etc., e balisando nos limites de cada verdade ou dogma as fronteiras duma etnografia estranha.

espírito: tanta descrição! Parece-me que lhe faltam os bons ajustes críticos. E' um tipo romântico? Não, porque carece de interioridade. Achei! E' uma mentalidade tropicalista, como a dos brasileiros do principio do século. As florestas imperavam no espanejamento da sua literatura, deles. E foram curiosos! Revelaram-nos muitas coisas da natureza, da terra, embora sob o aspecto de miragens. Mas o gosto por esta literatura morre, embora o gosto pela linguagem que a serviu lhe sobreviva... E como morre este gosto, os seus cultores não-de evoluir. Como evoluirá a conferente?

No entanto, o brasileiro de hoje ainda é prolixo e inco-medido! Mas é infinitamente mais objectivo e realista que o seu antecessor! O brasileiro de hoje é renovador, muito mais curioso que fantasista; é abundante mas crítico, analista.

A Guida foi-me procurar e disse-me...

A Guida é reservada. E' o tipo da nossa estudante nobre e solitária, cheia de pensamentos e de limites. E' uma rapariga triste, uma flor fechada. Mas veio-me dizer, com os olhos brilhantes e com ternura, que me entende. Que sempre me estimulou que eu bem o sabia! E' verdade... Pelos seus dezasseis anos que simpatia, que encanto mesmo ela tinha por mim, que tinha exactamente mais dezasseis anos que ela!

E ela, muito, muito melhor do que eu, diz hoje com despreendimento, o enfado que tem por tudo quanto a rodeia... Como se admira de andar por onde anda, de ouvir o que ouve, de que os dias sejam como são, todos inalte-ráveis, todos estúpidos... Que o não ter ainda casado não pode explicar os seus desencantos, etc.

Diz isto andando, com absoluta indiferença e tanta sinceridade, que me punge! Fala-me como se não houvesse mais ninguém que nos pudesse ver nem ouvir, no carro e na rua. Com um desejo irremediado de confidência, mas sem nenhum mistério. Eu julgo ter a alma intacta das mulheres, talvez como eu, talvez melhores do que eu, mais decididas e mais abertas, nas minhas mãos. E chego a achar demais para mim, que não sei fazer nada pelos outros, que lhes não posso servir de nada!

A Guida não é arrebatada, fala alto, mas com igualdade. Ainda tem muito de criança, sendo decepcionada como é. Há realmente uma idade em

que todos mais ou menos assim somos. Mas a Guida é inteligente, dá ao seu desencanto um cunho que o amplifica, tira-lhe toda a banalidade. E uma coisa me diz que vibra em mim como uma pancada, e é: que se admira de que eu ainda tire algum gosto de certas coisas... refere-se às minhas exterioridades românticas, o meu louvor dos aspectos sentimentais do tempo e dos lugares... Admira-se, porque a ela não a comovem.

O seu reparo não é nada vulgar nem estreito. Para mim significa a condenação do superficial, das consolações fáceis e até da poesia pura...

A Guida condena, com aquela breve observação, a literatura pela literatura. Achou nos meus livros, que eu lhe ofereci com receio, o eco de um mal comum, mas ainda lhe pareciam enfeitados, menos puros, menos ascéticos, menos profundos, menos límpidos que ela desejava. Devia ser isto que a Guida tinha para me dizer. Mas eu entendi-o, como se ela mo tivesse literalmente dito.

Já não tenho coragem, como muita pateta, como a Ge, por exemplo, de me achar encantadora, irresistível... Que tipo!

Basta-me olhar para os meus olhos, que foram claros (vous avez des yeux si clairs! dizia-me Rou com deferência, deferência e malícia, num carro, em Brux), mas basta-me olhar para os meus olhos pisados para me desencantar a mim própria. E a minha vontade é de atravessar, atravessar as vagas multidões das ruas, ainda mais desaparecida que até aqui. De me ir mumificando sem dor. Não quero é que me acordem! que haja gente interessante, a passar ao pé de mim, dando claridade ao mundo... Que o mundo envelheça! deve envelhecer, já que nós envelhecemos... ele e nós, nós e ele...

Não devemos ter conhecimento de que existe a curiosidade, e menos ainda encantamo-nos com ela! Fugir dela, fugir dela! iludi-la, desarmá-la. Ai, porque a dor do entendimento claro é insuportável!

Mas como, numa hora fugitiva, não lamentar o deprecimento de uma graça, feita não sei de quê, que ainda ontem era nossa?

Há vidas arrastadas, vidas ignóbeis, sem um sinal de consolação! Mas a intervalos surge-lhes um engano, ora de um canto, ora de outro... engano que dá um viço artificial e repentino à mocidade guardada. Disso, dêsse remóço

inesperado, disparatado, julgo eu que era feita a minha graça. Mas passou, fatalmente, impossibilitou-se...

Aquele homem bondoso sorri e diz-me: isso ainda não é consigo...

Como de outros posso dizer que sao habéis, cínicos, ambiciosos, inteligentes, etc., posso dizer convicadamente deste que é bom. Todo o seu ar transpira tranquilidade e cordura, e não é um passivo, é um homem com despeitos e interesses. Vejo-o muitas vezes e a sua lhanza conquista-me. Ai está uma pessoa de quem não tenho de me defender, creio que penso. Havia assim antigamente, no mundo ordinário, um certo número de homens!

Inspiravam-nos confiança e uma simpatia quasi despreocupada. Mas no outro dia falando com este, e de coisas simples e sérias, que sobretudo me preocupavam a mim, achava-lhe uma graça discreta. Não acontece, várias vezes, trabalhar-nos o espírito sobre dois elxos? Sobre um deles, ou por uma das minhas vozes lamentava-me, sobre o outro louvava silenciosamente a delicadeza e não sei que outros valores do meu ouvinte. Achava até que os homens baixos sabem ter uma medida e uma leveza de gestos que os altos não têm. Os seus gestos são graciosamente parcimoniosos.

Ora quando Ro no outro dia depreciava a gente baixa eu estive quasi para abrir a boca e dar o meu exemplo. Mas de repente pareceu-me estúpido contraditório. Tive também acanhamento de me ir com as minhas compensações, a ele que é baixo; de lhe dizer que as minhas descobertas derrubavam as suas afirmações. Havia de parecer desastrosa ou ridícula.

O que é certo é que tudo, tudo é variável, e que não há verdade, a não ser muito transitóriamente! que o gosto depende da inteligência, dos juízos que se formam das coisas. E que há na vida mais variável que um juízo?

Ouvindo dizer a esta mulher tão disparatada como a Rita o era, mas muito menos engraçada que ela; não quero parecer velha; cá penso de mim para mim: velha!... que confusões nestas cabeças! está longe de o ser, como havia de parecê-lo?

Tudo são lugares comuns... Não querer parecer feia, isso sim! Esta confusão da fealdade com a velhice! Mas é feia, não tem um traço só de delicadeza nem de jocundidade naquela cara sem or-

# preambular de outro

por JOAO FALCO

dem! Quero parecer bonita, é que ela devia proclamar, já que brinca às ingénuas.

J. escreveu uma coisa muito breve que me fez o efeito de uma olhadela inesperada ao espelho. Não é nada disto! O seu dito, de súbito e concentrado, de justo e pitoresco, abalou-me. Ele disse aquilo, e eu que tinha a dizer?

A mim nunca ninguém me pediu lume na rua...

Quantas, quantas vezes, nem essa esmola de uma palavra humilde recebi!

Quantos dias, quasi seguidos, nesta terra e em outras, esquecida e desamparada de todos! Aguas passadas... Mas as que passam hoje também não metem cubica a ninguém.

Há cinco anos morava eu numa das ruas mais sombrias de Lisboa, fazendo esforços para me readaptar à sua vida. Tinha um ar tão desasado e tão infeliz, que até lembrá-lo faz dó. Achava-me de súbito inútil e depaysée, transplantada de outros países para o meu. As pessoas que tinham os meus interesses e me conheciam esqueciam-se da minha existência. Hoje discorro que me não chamavam ao seu convívio desconfiando de que eu pudesse ter andado algum dia ao trapo e que não tivesse perdido de todo o ar miserável...

O português tem muito medo das más companhias!

Carteava-me com alguns amigos, gente mais generosa, e passava longas tardes opressas. Escrevi umas coisas débéis e desorientadas e deixei passar o tempo; pois que remédio?

Ao tempo ofereceram-me um gatinho desmamado. O gatinho foi crescendo e afeiçãoando-se-me. Nunca chegou a adulto porque morreu com quatro ou cinco meses. Era um gato terno, e eu que tenho imaginação verbal delíhe o nome inédito de Mateco. O Mateco todas as manhãs me ia dar os bons dias com especiais miados à porta do meu quarto. Também tinha a graça, em certas ocasiões, mesmo que eu estivesse em pé, de marinhar por mim acima até o meu pescoço. Nunca tive paciência para ensinar graças a bichos; as dêste eram naturais. Ora, quando eu saía, o gato tomava-se de uma grande tristeza. Notava, quando metia a chave à porta, que os seus miados eram queixosos. O Mateco afligia-me porque também sabia sofrer a dor da solidão... Tive pena dele quando morreu. Assisti à sua agonia. Uma agonia tão mansa! Deitê-lo numa almo-

fada velha. O corpo foi-se-lhe tornando mole, o rabo perdendo o movimento, etc. Parece-me mesmo que ainda estô a ver os olhos do gato!

Aquela breve evocação de Job lembrou-me o meu tempo do Mateco, e muitos outros tempos. Sobre solidão posso ser um dicionário, isto é, para tal palavra tenho uma variedade de sinónimos e de desdobramentos muito apreciáveis.

O viver de cada um de nós é mole ou é activo, tem ou deixa de ter intensidade, etc...

Porém, o meio, o que nós fazemos e o que vemos fazer, certas determinantes exteriores, sobretudo, é que nos em-

prestam verdadeiro ritmo à vida, especialmente à mental. O que nos excita são as ofertas do mundo e os seus choques.

Mas o mundo é avaro, é desigual! A mim que me oferece êle, sua rendida sollicitante?

Ou eu serei tão desastrosa que não descubra, que não aproveite o que êle me oferece? Não! Porque se eu quizesse dar uma imagem plástica do meu viver e dos meus interesses, podia bem traçar uma acanhada pista circular em que andasse sem fim e até de olhos fechados... podia dizer do que de mim conheço, do que tenho dado e do que tenho recebido: nada! E na-

da, porque de mim nunca o mundo nada tirou, e nada em mim semeou! Nada, que me contentasse.

Declino. Esta carta agitada, se eu a tivesse recebido aqui há uns anos, há poucos, dois ou três mesmo, tinha-me transtornado. Quantos dias levaria a pensar nela! E já lhe havia de ter respondido, de ter feito o seu caminho ao invés, numa galopada.

Hoje, através dela procuro o puro espírito... a finura dos conceitos, e sorrio com melancolia à sua erupção sentimental. Mas não! Hoje e sempre me deprimiu a sensibilidade que nos outros acordo.

## MOVIMENTO CIENTÍFICO PORTUGUÊS

## O matemático e filósofo ANTÓNIO MONTEIRO

António Monteiro é, com Ruy Gomes, a mais poderosa mentalidade de sua geração. Os dois formam contraste. Um, taciturno e melancólico, sempre recolhido em si próprio, no mistério das suas reflexões, de onde sai por vezes com uma expressão de riso infantil; o outro, intelectual-acção, sempre em eferescência; é o tipo do intelectual-energia, do intelectual que se insere na vida, e a domina.

Espírito agudo, penetrante, de visão rápida, ampla e profunda, capaz de largas e poderosas sínteses, António Monteiro tem uma cultura matemática moderna e completa. Não vê a matemática, de resto, em simples técnico especializado, a cantonado num sector, fechado, como dizia Anatole France, na sua «vitrine»: mas com aquela visão filosófica combinada com segura gymnástica matemática. Os mais complicados problemas da matemática e da filosofia, aparecem-nos, uma vez trabalhados pelo seu espírito, em posições definidas, com arestas bem visíveis, uma apresentação de nitidez cristalina, seja problema, seja crítica, teoria ou ponto de vista.

António Monteiro ocupa-se actualmente da estrutura das ciências matemáticas, da elaboração de uma axiomática do Transfinito, tendo chegado à conclusão de que não existe a famosa oposição entre o finito e o infinito. Os seus esforços dirigem-se actualmente, como igualmente os de certos matemáticos estrangeiros, para apreender a génese e a estrutura do pensamento matemático com o auxílio do método do diamant; e, ao contrário de Hans Hahn e outros filósofos-matemáticos das actuais escolas, Monteiro não compreende a matemática como uma pura tautologia.

É a primeira vez, segundo creio, que a filosofia matemática, no que ela tem de mais actual, é abordada entre nós com tal amplitude e actualização, focada em alguns dos seus pontos mais difíceis.

Uma aurora de pensamento filosófico digno dêste nome parece despontar, em Monteiro, no charco filósofo português, onde ora troa a retórica bombástica, ora a masturbação bizantina dos sofistas de meia-tijela, ora a erística polémica do mais baixo quilate.

E nada me surpreenderia se Monteiro se tornasse, em breve, o mais perfeito representante, entre nós, do pensamento científico contemporâneo. A. S.

## "SOL NASCENTE," no Brasil

A imprensa brasileira de cultura, continua a distinguir «Sol Nascente» com palavras verdadeiramente fraternais, acarinhando assim duma forma consoladora o esforço que representam e a boa vontade que nos distingue.

«O Boletim de Ariel», do Rio de Janeiro, dirigido por Gas-tão Cruis, e colaborado por tantos nomes em destaque na intelectualidade do Brasil, como Artur Ramos, Gilberto Freire, Jorge de Lima, etc., etc., dedica-nos palavras extremamente lisonjeiras.

Também o semanário «Dom Casmurro», do Rio, lembrando o que «Sol Nascente» tem publicado sobre o Brasil ou sobre as personalidades do seu mundo literário e científico, exorta-nos em artigo de fundo a prosseguir no nosso trabalho de contribuição para a aproximação intelectual luso-brasileira.

«Vamos Lêr!», a revista tão difundida em Portugal, transcreve o artigo *Berlino*, do nosso estimado colaborador Eurico Tomás de Lima.

Os nossos vivos agradecimentos.

## Transcrições

O prezado colega Gazeta do Sul *semanário de Montijo*, transcreve Carta para longe da nossa estimada colaboradora Lygia.

Também «O Desforço», semanário que se publica em Fafe, transcreve as nossas palavras sobre a pena de morte. Agradecemos.